

A prática de benzimento com uso de plantas na comunidade rural remanescente de quilombo de Furnas do Dionísio, Jaraguari, Mato Grosso do Sul

The practice of blessings whith use of plants in the rural community remainders of the quilombo of Furnas of Dionísio, Jaraguari, Mato Grosso do Sul, Brasil

MÁRCIA CRISTINA CORREA CHAGAS¹

MEIRE GUIMARÃES DE ANDRADE²

REGINALDO BRITO DA COSTA³

MARIA APARECIDA DE SOUZA PERRELLI⁴

¹ Bióloga, Professora da Rede Municipal de Ensino de Campo Grande, MS.

¹ Bióloga, Professora da Rede Estadual de Ensino de Campo Grande, MS.

³ Doutor em Ciências Florestais, Professor da Universidade Católica Dom

⁴ Doutora em Educação para a Ciência, Professora da Universidade Católica Dom Bosco.

RESUMO

As enfermidades, de acordo com a visão popular, podem ter origens diversas, que vão além de uma desordem biológica. Nessa visão, o tratamento obedece a procedimentos distintos do que prescreve a medicina, dentre os quais o uso de plantas para a produção de chás caseiros e também para o benzimento do enfermo. Este trabalho objetivou conhecer os procedimentos utilizados na prática de benzimento com o uso de plantas pela comunidade de Furnas do Dionísio. Por meio de entrevistas aos benzedores da comunidade, obteve-se informações acerca do uso das plantas como o rubinho erva-de-Santa-Maria, algodão, arnica, mamona, laranja, arruda, mandioca e o capim em benzimentos para os seguintes males: vento virado, quebranto, cobreiro, espinhela caída, sapinha, íngua, mal olhado, lombriga assustada, picada de cobra, bicheira de animais e praga na plantação. A prática está em desuso devido à falta de interesse dos mais jovens em continuar a tradição.

PALAVRAS-CHAVE

benzimento
plantas medicinais
medicina religiosa

ABSTRACT

Diseases, according to the popular point of view, can have the most diverse origins, which go beyond a biological clutter. In this view, the treatment has distinct procedures of what medicine prescribes, among them the use of plants for produce homemade teas and also benediction of the patient. This work had aim to know about the usage of plants in benediction in Furnas do Dionísio. In benediction, people using rhubarb, mate herb Santa Maria, cotton, arnica, castor bean, orange, arruda, cassava and guinea grass for these diseases: infantile stomachache, infantile nausea, herpes-zortes, xiphoid process down, tongue diseases, foam cells, evil eyed, fear disease, snake bites, myiasis in animals and cropsplagues. Benedictions are in disuse nowadays, due to the lack of interest from the young in keeping this tradition.

KEY WORDS

*benediction
medicinal plants
religious medicine*

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas observa-se um aumento significativo de pesquisas sobre as relações das comunidades tradicionais com os recursos biológicos. Tais pesquisas têm contribuído para a recuperação de saberes, práticas e para o autoconhecimento sócio-cultural dessas populações (AMOROZO et al., 2002; MING, 1995; POSEY, 1986; SCHAR-DONG, 1999) que incluem indígenas e não indígenas (quilombolas, caiçaras, ribeirinhas, extrativistas etc). Pesquisas nessa direção têm buscado compreender, dentre outros aspectos, como são utilizadas as plantas por comunidades tradicionais. Incluem-se nessa vertente as pesquisas em etnobotânica, etnomedicina e etnofarmacologia que têm procurado conhecer os saberes que essas comunidades detêm sobre as taxonomias, morfologia, anatomia e fisiologia vegetal, os usos de plantas na produção de artefatos, alimentos e remédios, dentre outros.

Estudos sobre o uso de ervas medicinais pela população revelam que a medicina popular é rica em uma diversidade de conhecimentos sobre chás feitos com raízes, folhas, flores, cascas e sementes. Os remédios feitos de plantas podem ser bebidos, mas também podem ser usados no banho, friccionados na pele, inalados, fumados, utilizados como colírio, colocados sobre a pele *in natura*, usados como patuás atrás da orelha ou ao pescoço, extraídos os óleos e passados sobre o corpo (POEL, 2005). A ausência de recursos médicos acessíveis a comunidades rurais tem sido, ainda na atualidade, um dos motivos da continuidade da prática do uso de ervas medicinais como alternativa para a cura das enfermidades que acometem pessoas, animais e plantas dessas regiões.

As plantas são utilizadas também em rituais de benzimento para cura de enfermidades. Os benzimentos são ainda praticados em diversas regiões do país (assim como em vários lugares do mundo) e são mais comuns entre populações afastadas dos grandes centros urbanos, com infra-estrutura e sistema de saúde precários. Parte do conhecimento sobre essa prática ainda está presente entre membros de comunidades rurais, entre elas, os quilombolas.

É escassa a literatura que associa a botânica aos rituais praticados por benzedeiras e benzedores. Este trabalho procura avançar

nessa direção, procurando conhecer a prática de benzimento com uso de plantas por comunidades remanescentes de quilombo. Com esse intuito, teve como objetivos específicos (1) compreender alguns aspectos que fundamentam a prática de benzer, (2) elencar as espécies medicinais utilizadas em rituais de benzimento e relacioná-las às enfermidades para as quais são recomendadas; (3) explicitar as falas e gestos relacionados à prática do benzimento com utilização de plantas. Tem-se a expectativa de que este trabalho possa contribuir para a ampliação do conhecimento em antropologia e suas relações com a etnobotânica, etnofarmacologia, fitoquímica, além da ecologia e conservação ambiental.

2 METODOLOGIA

Os elementos necessários à compreensão dos aspectos sociais e antropológicos relacionados à prática de benzer foram obtidos por meio de pesquisa bibliográfica. A pesquisa empírica forneceu os dados relativos a essa prática ainda corrente em uma comunidade remanescente de quilombo, além das amostras dos vegetais utilizadas no benzimento que foram devidamente identificadas por profissional especialista na área.

O local escolhido para a realização da pesquisa foi a comunidade rural quilombola de Furnas do Dionísio, localizada no município de Jaraguari, Mato Grosso do Sul, distante a 48 km da capital Campo Grande, posicionada geograficamente a 54° 43' 28'' W e 20° 41' 05'' S. As visitas ao local para a obtenção de informações sobre a prática do benzimento foram realizadas no período de setembro de 2001 a julho de 2002. Os dados foram obtidos por meio de entrevista com pessoas da comunidade indicadas pelos moradores do local, e consideradas detentoras do maior conhecimento de rituais voltados às práticas de cura. As entrevistas seguiram um roteiro base, porém flexível, visando conhecer a história do local, identificar a pessoa entrevistada (nome, idade, sexo, religião), as plantas e os procedimentos utilizados para benzer, os males cuja cura estava associada ao benzimento e demais informações que os entrevistados julgaram pertinentes. Quando consentida, houve gravação das entrevistas em fita K7.

Para identificação botânica das espécies citadas, as plantas foram coletadas na presença e com o auxílio das pessoas entrevistadas e levadas para análise de especialista. O material coletado encontra-se depositado e cadastrado no herbário da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul-UFMS. Algumas coletas não ocorreram devido a indisponibilidade de presença das pessoas residentes no local no período da pesquisa.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 AS PRÁTICAS DE BENZIMENTO

A medicina popular manifesta-se, principalmente, em duas áreas distintas: a medicina caseira - baseada principalmente nas ervas medicinais - e a medicina religiosa - baseada principalmente no benzimento (QUEIROZ; CARRASCO, 1995). A medicina religiosa é uma área extremamente importante no contexto da medicina popular. Esta, a exemplo da medicina ocidental, tem seus próprios agentes – curadores, rezadores, benzedores etc – treinados para restaurar a saúde das pessoas que a ela recorrem.

As enfermidades, de acordo com a visão popular, podem ter origens diversas como, por exemplo, a alimentação, o clima, os micróbios e parasitas ou até mesmo o agouro, feitiço, praga, mau olhado ou olho ruim, espírito mau, as fases da lua, castigo e vontade de Deus (POEL, 2005). Sua cosmologia inclui noções de causação de doenças a partir do envolvimento negativo do indivíduo com o seu meio social e familiar mais imediato (QUEIROZ; CARRASCO, 1995). Assim como as causas, o tratamento das doenças envolve outros procedimentos distintos do que prescreve o modelo biomédico ocidental. Dentre os procedimentos de cura destacam-se a ingestão, banho ou uso tópico de remédios caseiros produzidos a partir de plantas, além de exorcismo, reza, simpatia, uso de amuletos e o benzimento.

O benzimento consiste na realização de uma oração com o objetivo de proteger e manter a saúde de quem o procura. Segundo Gorzoni (2005), a noção de doença, nesse contexto, está associada ao castigo divino, daí a importância das rezas. De acordo com a autora,

os benzimentos e rezas são algumas das formas de cura mais antigas do mundo, remontando a curandeiros antigos, há pelo menos 30 mil anos. Os xamãs de todos os continentes usavam ervas, rezas e invocações para curar e os benzedores receberam influências dessa tradição xamânica, especialmente os das regiões norte e centro-asiática e os das Américas do Norte, Central e do Sul.

Várias culturas praticam o benzimento, de formas as mais diferentes possíveis. Em geral, utilizam elementos da natureza e da religião. Em várias culturas encontramos semelhanças entre o poder das benzedoras e o dos feiticeiros, sendo estes reconhecidos como intermediários entre os seres terrenos e os divinos e, por isso, teriam a capacidade de curar as enfermidades da terra. Há diferenças, contudo, quanto aos trabalhos que cada um deles realiza. Feiticeiros podem direcioná-los para o bem ou o mal, enquanto que benzedoras e rezadeiras estariam do lado do bem, recorrendo a Deus, aos anjos e aos espíritos para conseguir o poder de que precisam (GORZONI, 2005). Os benzimentos podem ocorrer em dias e locais determinados (sexta-feira da Paixão, antes do nascer do sol, numa certa fase lunar, por exemplo). Algumas dessas práticas são usadas para “fechar o corpo” como medida de proteção contra possíveis doenças (POEL, 2005).

Os benzedores podem ser homens ou mulheres, podendo haver distinções entre o benzimento que preferencialmente cabe a cada um (POEL, 2005). Podem também se especializar em um único tipo de mal, ou ainda podem ser especialistas em curar males de plantas, animais ou de seres humanos (XIDIEH, 1972).

Há três elementos essenciais para compreender o povo e o benzedor: a fórmula da bênção, a crença de que a cura é dom de Deus e a confiança da comunidade no curador. Sobre o primeiro elemento, é mister que o benzedor conheça as orações. O autor relata que, segundo uma benzedora lhe disse, ‘quem troca as rezas é desastroso igual o médico que troca os remédios’; mas, a mesma benzedora afirmou, ao mesmo tempo, que diante do doente, não sabendo a fórmula certa, qualquer palavra resolve se rezar com fé. Quanto ao segundo elemento, deve-se ter claro que a cura se dá pela graça de Deus, por meio

da benção do benzedor. Por isso o benzedor não pode cobrar pelos procedimentos. O terceiro elemento refere-se à relação de confiança entre a comunidade e o curador. O benzedor é procurado por pessoas da sua comunidade. É a comunidade, portanto, que faz o benzedor (POEL, 2005).

Gorzoni (2005) compara o benzimento com a magia, afirmando que para que esta funcione, são necessários o feiticeiro, o enfeitado e toda uma coletividade que dê respaldo ao processo. Por isso, em geral, aquele que benze não é uma pessoa qualquer, mas uma personalidade reconhecida pela comunidade; ela ocupa posição especial estabelecendo relações de reciprocidade pelos seus saberes e poderes. Mas, nem sempre foi assim. Na Idade Média as benzedoras foram perseguidas e queimadas em praça pública, pois, seu poder passou a competir com o da Igreja Católica, que realizava rituais de exorcismo e prestava assistência no campo da saúde. Nesse período, mesmo debaixo de perseguição, as benzedoras ainda continuavam a atuar em algumas regiões, especialmente nas zonas rurais, onde faltavam recursos médicos.

3.2 CONHECENDO UMA COMUNIDADE REMANESCENTE DE QUILOMBO: FURNAS DO DIONISIO

Dados do Ministério da Cultura (2001a e 2001b) indicam que no Brasil já foram identificadas mais de 700 comunidades remanescentes de quilombo. Destas, 42 são reconhecidas e 29 são tituladas. Apesar de existirem desde o fim do século XIX, a visibilidade social dos quilombolas é recente, fruto da luta pela terra, cujos direitos foram assegurados pelo artigo 68 da ADCT – Ato das Disposições Constitucionais Transitórias – de 1988.

Em Mato Grosso do Sul são identificadas quatorze comunidades rurais remanescente de quilombo: (1) Comunidades dos Gonçalves ou São Miguel (Maracaju), (2) Comunidade Santa Tereza ou Malaquias (Figueirão), (3) Comunidade Ourolândia (Rio Negro), (4) Família Bispo (Sonora), (5) Família Quintino (Pedro Gomes), (6) Chácara Buriti (Campo Grande), (7) Comunidade dos Pretos (Terenos), (8) Furnas dos Baianos (Aquidauana), (9) Comunidade Picadinha (Dourados), (10) Furnas da Boa Sorte (Corguinho), (11) Comunidade dos Cardoso

(Nioaque), (12) Comunidade Ribeirinha Água do Rio Miranda (sentido Anastácio/Bonito), (13) Família Araújo (Nioaque) e (14) Furnas do Dionísio (Jaraguari) (GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL, 2005).

Esta última – Furnas do Dionísio – escolhida como local de realização da pesquisa ora relatada, foi fundada em 1901, por Dionísio Antônio Vieira, um ex-escravo que veio do estado de Minas Gerais. A comunidade local é constituída por descendentes de Dionísio e encontra-se inserida no contexto político-econômico do estado de Mato Grosso do Sul. Furnas do Dionísio é habitada por cerca de 125 famílias, com aproximadamente 500 pessoas. A população que frequenta a escola inclui crianças, jovens e adultos, correspondendo a um número entre 100 e 150 pessoas, distribuídas em três escolas, duas municipais e uma estadual (MINISTÉRIO DA CULTURA, 2001a).

A região de Furnas de Dionísio é banhada pela bacia do Paraguai e sub-bacia do rio Miranda. O relevo é ondulado e caracterizado por regiões de planalto arenítico-basáltico constituídas pelos patamares da serra do Aporé (vales serranos), cortado por córregos. A cobertura vegetal é típica do cerrado, composta por gramíneas e árvores de pequeno porte, esparsas, com troncos retorcidos e casca grossa. Há vegetação natural arbórea aberta, composta por árvores características do cerrado, como o ipê, paratudo, jacarandá, aroeira, caviúna, gabioba. Entre as gramíneas destacam-se o capim barba de bode e o capim gordura. O clima é caracterizado como tropical brando de transição com variações mesoclimáticas de úmido ao subúmido (GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL, 1990, OLIVEIRA; CUNHA, 2001). A temperatura média do mês mais frio é menor que 20° C e maior que 18° C. O período seco estende-se por dois meses. A precipitação anual varia de 1200mm a 1500mm (BRASIL, 1990).

As visitas feitas a Furnas do Dionísio permitiram constatar alguns detalhes sobre a infra-estrutura, as pessoas residentes e o ambiente local. Verificou-se que as edificações para práticas religiosas existentes na região restringiam-se à igreja católica de Santo Antônio e ao templo evangélico Assembléia de Deus de Madureira.

As estradas não eram pavimentadas e os moradores locomoviam-se a pé, por meio de bicicleta ou de carroça puxada por cavalos. A mata nativa, dotada de grande beleza cênica, achava-se distribuída ao redor de cursos d'água, pequenas cachoeiras e em meio a afloramentos rochosos.

Para atendimento médico, a população contava, na ocasião, com um Posto de Saúde, cuja maior atuação, segundo informação dos moradores, estava centrada no controle e verificação da pressão arterial. Assim, quando os problemas de saúde eram percebidos como mais graves, as pessoas comumente recorriam ao atendimento médico na região urbana dos municípios vizinhos (Jaraguari ou Rochedinho) e até mesmo à capital, Campo Grande.

3.3 A PRÁTICA DE BENZIMENTO EM FURNAS DO DIONÍSIO

As pessoas que forneceram as informações sobre a prática do benzimento em Furnas do Dionísio foram indicadas pela comunidade como bons conhecedores dessa questão. Foram entrevistados 18 moradores (nove homens e nove mulheres) cuja faixa etária variou entre 41 e 86 anos. Desse total, 13 (72%) declararam ser católicos apostólicos romanos e apenas cinco (28%) se disseram evangélicos. De acordo com os entrevistados, esse fato se deve à história do local, sendo o seu fundador praticante da religião católica que foi difundida a seus descendentes. Não foram observadas práticas ligadas a cultos de origem africana. Não só tais práticas inexistem como são repelidas, pelo menos é o que deixa transparecer a fala de um dos entrevistados: “aqui isso não tem não, graças a Deus”.

Das 18 pessoas entrevistadas, 10 aprenderam a prática com seus ascendentes e oito nunca benzeram. Dos dez declarantes de que sabiam benzer, oito aprenderam a prática com os pais, um com os avós e um com pessoa estranha à comunidade. Esta última declarou que passou o ensinamento para um de seus netos.

Das 10 pessoas que sabiam benzer, apenas quatro (dois homens e duas mulheres) continuavam atuando na prática do benzimento. As idades dos benzedores atuais eram de 41, 51, 65 e 71 anos. Todos se declararam católicos. Quatro pessoas (dois homens e duas mu-

Iheres), evangélicas, declararam não mais realizarem o benzimento devido a restrições impostas pela religião. Dois deles tinham idade de 57anos e os outros dois 59 e 68 anos. Duas mulheres, de 70 e 86 anos, declararam que não mais realizam a prática por terem “problemas de saúde”.

Das 10 pessoas entrevistadas, entre benzedores e ex-benedores, cinco afirmaram que pode ser utilizada qualquer planta no benzimento (“qualquer ramo verde”). Ao especificarem uma determinada planta, os benzedores/ex-benedores não souberam informar o motivo da escolha.

As plantas citadas e respectivos números de identificação cadastrados no herbário da UFMS foram o rubinho (*Leucas marinicensis* R. Br, cadastro CGMS/UFMS 10.654; 10;652; 10.709; 10.707), a Erva-de-Santa-Maria (*Chenopodium ambrosioides* L., cadastro CGMS/UFMS 10.717), o algodão (*Gossypium barbadense* L, cadastro CGMS/UFMS 10.435; 10.426), a arnica (*Soledago chilensis* Meyen, cadastro CGMS/UFMS 10.657). Outras plantas citadas, mas não coletadas, foram a mamona (*Ricinus* sp), a laranja (*Citrus* sp), a arruda (*Ruta* sp), a mandioca (*Manihot* sp), e o capim (qualquer capim ou grama).

De acordo com os informantes, durante o benzimento, os raminhos, geralmente em número de três, são geralmente passados no enfermo em sinal da cruz, enquanto o benzedor faz uma oração ou fala em voz alta as palavras apropriadas à cura de cada enfermidade. O ritual termina quando os raminhos são descartados no fogo (“para queimar o mal”), na água (“para levar o mal”) ou no quintal, sempre atrás do enfermo (“para jogar fora o mal”). O benzedor e o enfermo se retiram do local sem olhar para trás.

Não há hora e nem local específico para benzer. Apenas um dos entrevistados mencionou que “não sendo domingo, qualquer dia”. Não há também requisitos para ser benzedor, uma vez que “qualquer pessoa pode benzer”. Um dos benzedores, entretanto, declarou que o benzedor ou benzedora deve ter idade superior a 30 anos e ser da religião católica. A cura se dá pela fé, tanto do enfermo como de quem o benzeu. Sobre esse aspecto, os entrevistados enfatizaram que não são “curadores” e que “só Deus e Jesus Cristo são capazes de curar”. Um

dos ex-benedores, atualmente evangélico, relatou que “a benção praticada pelos católicos é a mesma coisa que a oração realizada pelos evangélicos, só muda o nome; afirmam que deixaram de benzer para orar, mas tudo que manda é a fé”.

Foram relatados os seguintes males sujeitos ao benzimento em cujo ritual se utilizava alguma espécie vegetal: vento virado, quebranto, cobreiro, espinhela caída, sapinha, íngua, mal olhado, lombriga assustada, picada de cobra, bicheira de animais e praga na plantação. Foram citados dois outros males – carne quebrada e dor de garganta – que são sujeitos ao benzimento, mas não se usa nenhuma espécie vegetal no ritual. Prescrições de remédios associados ao benzimento não foram relatadas. O Quadro 1 apresenta os males, os tipos de plantas utilizadas no benzimento e os respectivos procedimentos.

Quais os sintomas associados a cada um desses males? Por que eles acontecem?

De acordo com os entrevistados, a maioria dos males é provocada por olhares de “inveja”. Por exemplo, “quando alguém vê uma criança e acha bonitinho e tem vontade de pegar e não pega, dá quebrante. A criança fica enjoada, fica abrindo a boca, é quebrante”. Uma criança com quebrante “tem uma enjueira, fica prostrada, com febre, emagrece, fica desnutrida”.

A “carne quebrada” manifesta-se por “dor nas cadeiras, dor na espinha”, já a “espinhela caída” é caracterizada por vômitos constantes, sem motivo aparente, “a pessoa não tem apetite, pesa o estômago”. Acomete tanto à criança quanto ao adulto.

A “lombriga assustada” refere-se à presença de vermes na pessoa e caracteriza-se pelo desejo insaciável de se alimentar.

O “vento virado” ocorre “quando assusta de alguma coisa; quando assusta com qualquer coisa está com vento virado”.

O “mal olhado” ocorre quando “a pessoa tem olho pesado, quando olha para alguma coisa aquilo não vai para frente, fica doente, não apruma mesmo”, ou seja, “quando a pessoa tem o olho emperrado se olhar muito uma coisa bonita aquilo não vai para frente de jeito nenhum”.

A “sapinha” ou “sapinho” é uma “manchinha branca que dá na língua ou na boca toda. Pode dar no canto da boca também”. É o que a medicina reconhece como candidíase oral.

O “cobreiro: é uma “carocera; quando passa em alguma coisa que dá uma carocera e começa a ficar pintadinha; aquilo mela na pele é cobreiro”. Pode ser causado pela “perereca que urina no pescoço da criança; aí a mãe pensa que é coisa à toa e deixa aquilo vai aumentando, aumentando, aumentando e aquilo fica chorando água, aí fica aquela coisa que passou muito sabão para tampa aquilo ali, mas num é, aquilo é água que sai da ferida ou então a criança come muito sal e sua, e sai no suor aquele sal”.

A literatura apresenta esses males, identificados em outras regiões do país, variando alguns aspectos quanto às informações sobre as causas e sintomas, além de procedimentos para a benzeção. Informações registradas em Lacerda (2003) mostram, por exemplo, que o “vento virado” pode ser reconhecido quando se põe a criança deitada de borco e procura-se encontrar o pé direito com a mão esquerda; caso não consiga fazê-lo, prova-se que a criança tem mesmo “vento virado”. Os sintomas desse mal seriam as dores na perna direita, dores na barriga, dor de cabeça, dentre outros. A criança fica irritada e uma das pernas se apresenta mais curta do que outra. A mesma autora relata a existência de um teste para verificar se uma criança tem “quebranto”: prova-se a testa com a ponta da língua; se estiver salgada, é sinal de quebranto. A criança sente sonolência e indisposição. Já a “espinhela caída” pode ser identificada pela presença de vômitos e dores de estômago.

Camargo (199?), pesquisando sobre o “cobreiro”, encontrou diferentes modos de benzer e também de se referir a esse mal, desde o século XVI, no Brasil e em Portugal (cobrelo, cobrão, cobro, zona, doença de santo antão). Desde tempos remotos tem sido descrito pela população como uma doença que se contrai por meio do contato direto com roupas por onde tenham passado certos insetos ou animais peçonhentos. Manifesta-se por uma erupção cutânea, acrescida de vesículas, geralmente acompanhadas de dor. De acordo com a medicina, trata-se de uma dermatose, cientificamente denominada de *herpes zoster*.

Quadro 1: Males, procedimentos e plantas utilizadas no ritual de benzimento.

Males	Procedimentos associados ao benzimento	Plantas utilizadas
Cobreiro	Fala: — O que eu corto? — Cobreiro. — Cobreiro dos brabo eu corto a cabeça e o rabo. Pega-se folhas. Corta-se as folhas na ponta e no pé. Repete o procedimento três vezes. A seguir reza um Pai Nosso e uma Ave Maria e oferece à Deus. Após a reza, joga-se fora os raminhos.	Mamona Mandioca Algodão Capim Qualquer planta
Espinheira caída	Pendura-se três raminhos na porta; bate três vezes com as mãos para cima. Reza um Pai Nosso e oferece à Deus. Após a reza, joga-se foram os raminhos.	Rubinho Laranja Qualquer planta
Sapinha	Fala: — O que eu corto? — Sapinha. — Assim mesmo eu corto a cabeça, o rabo, o corpo inteiro. Após o procedimento, jogar o ramo no fogo.	Algodão Mandioca Capim qualquer planta
Íngua	Fala: — O que eu corto? — Íngua. — Assim mesmo eu corto a cabeça, o rabo, o corpo inteiro. Repete por três vezes. Ao final, joga-se os raminhos no fogo.	Algodão, Mandioca Capim qualquer planta.
Vento Virado	1 - Vira o enfermo de cabeça para baixo. Bate os raminhos em cruz nos pés por três vezes. Reza um Pai Nosso e oferece à Deus. Ao final, joga-se os raminhos fora.	Rubinho Laranja Qualquer planta.
	2 - Retira-se o enfermo para um local tranquilo. Pega-se três brotinhos de Erva-de-Santa-Maria (preferencialmente), levanta-se o enfermo. Fazer o pedido à Deus: — Senhor eu te peço que tire esse mal, vento virado, desta criança (falar o nome da Criança) Repete-se por três vezes e depois reza o Pai Nosso e Ave Maria oferecendo à Mãe Maria Santíssima, pedindo para tirar todo mal daquela criança da cabeça aos pés. Quando fechar o pedido, jogar os três brotinhos por detrás da criança e retirar do local sem olhar para trás.	Erva-de-Santa-Maria Qualquer planta
	3 - Fala: Quebrante, malefício, vento virado, retira, Pai, dessa criança Quebrante e Mal Olhado, do osso a carne, da carne a pele, da pele a fora, pelo poder de Deus estarei curado e libertado. Rezar três vezes e oferecer para os santos de cura (Santo Antônio e São Sebastião).	Arruda Qualquer planta.
	4 - Fala: Vento virado igual você entrou, você vai sair, do vento você passou para pele, da pele você passou para carne, da carne você passou para o sangue, do sangue você passou para o osso, do osso você vai voltar para trás. Deve-se repetir por três vezes até sair pela pele. Joga-se os raminhos no sol quente.	Três raminhos verdes
Mal Olhado	Pegar qualquer ramo, rezar um Pai Nosso, uma Ave Maria e oferecer a Nosso Senhor Jesus Cristo, que assim como foi crucificado, morto e sepultado e ressuscitou, então que ele ressuscite aquela criança de todo aquele mal. Se não melhorar, repetir por duas ou três vezes. Após o procedimento, jogar o galhinho fora ou jogar na água.	Arruda Qualquer planta.
Ofendida de Cobra, Picada de Cobra, Bicada de Cobra, Mordida de Cobra	Pegar um ramo, cruzar sobre a mordida, em seguida, falar: — Você se enganou, você pensou que tinha ofendido aquele (dizer o nome da pessoa ou do animal), você se enganou, você ofendeu foi na palma do Floreu Clemente, assim você enganou, você pensou que tinha ofendido uma pessoa, não foi nela não, você ofendeu foi a palma do Floreu Clemente Falar 3 vezes e rezar três ou nove Salve Rainha. Oferecer a nosso Senhor Jesus Cristo.	Qualquer ramo.
Lombriga assustada	Idem ao procedimento número 2 para "vento virado", incluindo o nome da enfermidade "lombriga assustada": "...Senhor, eu te peço que tire esse mal, vento virado, lombriga assustada, dessa criança...	Erva-de-Santa-Maria Qualquer planta
Bicheira de "criação" (animais) Praga de plantação	1 - Colocar duas folhas de capim em forma de cruz sobre o rastro da criação, falar 3 vezes: — Como serviço de domingo e dia Santo não vai pra frente, essa bicheira também não há de ir. Bater, três vezes com uma pedrinha sobre o local. Deixar as pedras e as folhas no local. Rezar um Pai Nosso e pedir para Nosso Senhor Jesus Cristo, sair e oferecer à Morte e à Paixão de Cristo.	Qualquer capim Qualquer planta
Quebrante, Quebranto	2 - Rezar uma Ave Maria e Pai Nosso, oferecer à Deus para curar o mal daquela criação.	Qualquer planta
	1-Pegar três raminhos verdes e falar: — Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo e Deus: estou com esta criança (apresenta a criança, falar seu nome), aí eu te benzo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Falar três vezes e ao final jogar fora os raminhos ao sol	Arnica Qualquer planta
	2 - Idem ao procedimento número 2 para "vento virado", incluindo o nome da enfermidade "quebrante": "... Senhor, eu te peço que tire esse mal, quebrante, dessa criança ...	Erva-de-Santa-Maria Qualquer planta
	3 - Idem ao procedimento número 3 para "vento virado".	Arruda Qualquer planta

Os modos de benzer podem apresentar variações, inclusive dentro de uma mesma comunidade. No Quadro 1 pode-se observar, por exemplo, variações para o benzimento contra “vento virado”, “quebrante” e “bicheira” entre os benzedores de Furnas do Dionísio.

Entretanto, pode haver similaridades quanto ao modo de benzer em distintas comunidades. Vê-se, por exemplo, nos registros do frei holandês Francisco Van Der Poel sobre a cultura popular no Vale do Jequitinhonha em Minas Gerais, informações sobre benzimentos semelhantes às relatadas pelos benzedores de Furnas do Dionísio. Cite-se, dentre outros, os procedimentos de benzimento contra a “bicheira” (enfermidade associada a uma ferida causada por larvas de mosca varejeira) que, assim como em Furnas, nas comunidades pesquisadas pelo Frei, benze-se o rastro (POEL, 2005).

Pode haver procedimentos contra “vento virado” diferentes do que foi mencionado pelos benzedores de Furnas do Dionísio. Lacerda (2003), por exemplo, apresenta o seguinte procedimento: faz-se quatro montículos de cinza no primeiro buraco do fogão e reza-se o credo fazendo cruces com a criança; após esse procedimento, deixa-se o rastro da criança na cinza. Além dos procedimentos, também pode haver variações lingüísticas para a referência aos diversos males. Quebrante/quebranto; ofendido/picada/bicada/mordida de cobra, sapinho/sapinha, são alguns exemplos de variações.

Quaisquer que sejam os procedimentos associados ao benzimento, o nome dos vegetais utilizados no ritual parece indicar que é impossível separar a planta medicinal da religião. De acordo com Poel (2005) “a própria rezadeira benze e ensina as plantas”. O autor destaca que há muitas plantas com nomes religiosos: espinheira santa, malva-de-São-Francisco, São-Caetano, Santo Inácio, Vassourinha de Nossa Senhora, Raiz-do-Espírito Santo etc. Nesta pesquisa observamos a utilização de Erva-de-Santa-Maria.

Também a época de colheita das plantas pode estar associada à religião. Algumas são colhidas num determinado dia (noite de São João, Sexta-Feira Santa, por exemplo) que confere às plantas um maior

poder de cura. Também para o plantio podem ser escolhidas datas especiais, como a Sexta-Feira da Paixão (POEL, 2005).

A literatura menciona outros vegetais, associados ou não a mais e associações, que também podem ser utilizados na prática da benzeção. Amorozo e Gely (1993), em estudos realizados com caboclos ribeirinhos amazônicos, relatam que a benzeção nessa comunidade é realizada com água benta, vassourinha (*Scoparia dulcis* L.) e orações tiradas de catecismos e outros livros, havendo também a indicação de medicamentos, de acordo com a necessidade. Ming (1995) em estudo realizado na reserva extrativista Chico Mendes, verificou que as espécies mais utilizadas para a benzeção foram a vassourinha, o pinhão branco (*Jatropha curcas* L.), o pinhão roxo (*J. grassypifolia* L.) e alfavaca (*Ocimum campechianum* Mill.), molhados em uma solução de água e sal e passados no enfermo em sinal da cruz, enquanto se processa a reza.

Segundo Sangirardi (1984) a utilização de plantas “mágicas, como a arruda e a guiné, ainda permanece na medicina popular em algumas comunidades. Essas plantas estão presentes em rituais afro-brasileiros e são vista como ervas mágicas e exorcistas, atuando como escudo para o mal-olhado, impedindo os efeitos de feitiços e influências maléficas, bem como podem ser usadas como receptores de bons fluidos e em banhos para limpar o corpo, o “descarrego”.

A prática do benzimento não tem sido ensinada aos mais jovens na comunidade de Furnas do Dionísio. O motivo alegado pelos entrevistados é a falta de “pessoas interessadas em aprender”. O mesmo fato tem sido observado por pesquisadores em várias partes do país.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A perda do interesse pelo benzimento é uma situação evidenciada em Furnas do Dionísio e também em diferentes regiões do país. A quebra da transmissão oral da prática do benzimento, a diminuição do número de benzedores (seja por mudança de religião, ou por motivos de saúde ou mesmo o falecimento), a acessibilidade ao atendimento médico e o fornecimento gratuito de medicamentos alopáticos, o acesso aos meios de transporte para as cidades vizinhas, mais bem

equipadas para a assistência médica, dentre outras, são fatores que podem estar associados ao desaparecimento gradativo das práticas de benzimento.

Na comunidade de Furnas do Dionísio, a substituição de práticas agrícolas tradicionais pelo modelo agropecuário atual pode levar à redução do número e de espécies vegetais utilizadas na medicina caseira e religiosa. Estas, por sua vez, tendem a ser substituídas pelo modelo biomédico ocidental, cujos modelos explicativos para as doenças não incluem as crenças nos fenômenos sobrenaturais.

O dualismo que é próprio da nossa visão moderna do mundo coloca em planos distintos os humanos, não humanos, as plantas e os animais, o espírito e a matéria. Quando se vê o mundo pela lente da ciência moderna do mundo, fica difícil compreender, por exemplo, que as palavras proferidas pelos benzedores possam ser mais do que sons produzidos por efeitos físicos e biológicos. Não se compreende também que se possa transmitir a outras pessoas, sem mediação sonora, os pensamentos e desejos. Menos, ainda, se vê sentido no uso de plantas em rituais de cura, como o que foi apresentado neste texto.

Parece-nos que os benzedores e benzedoras de Furnas do Dionísio ainda conservam uma visão mais relacional da natureza, na quais os planos simbólico e material são evocados para explicar e aliviar os males que os acometem. Este estudo assume, portanto, a idéia de que o uso das plantas na cura de diferentes males que acometem pessoas, animais e as próprias plantas deve incorporar uma visão mais integrada do indivíduo, nas suas dimensões biológica, social e cultural. As investigações científicas mais recentes sobre o placebo e o estresse vêm sinalizando para a importância das representações populares, das crenças, da religiosidade e da fé no processo de cura. A base reducionista biológica da medicina, ao incorporar as dimensões sociais e culturais no enfoque da saúde e da doença, poderia produzir um impacto positivo no quadro da saúde de toda a população e não apenas das comunidades distantes do acesso aos serviços médicos usuais.

Estudos mais aprofundados sobre o benzimento, o uso das plantas nessa prática, as representações da população a esse respeito, a sua

relação com a cura das pessoas que buscam essa terapêutica poderiam ser encaminhados no sentido de recuperar essa prática e incorporá-la na cura de moléstias.

5 REFERÊNCIAS

AMOROZO, M. C. M.; GELY, A. L. Algumas notas adicionais sobre o emprego de plantas e outros produtos com fins terapêuticos pela população cabocla do município de Barbacena, PA, Brasil. *Boletim do Museu Paraense Emílio Göeld: Série Botânica*. v. 9, n. 2, 1993. p. 249-266.

AMOROZO, M. C. M.; MING, L. C.; SILVA, S. P. *Métodos de Coletas e Análise de Dados em Etnobiologia, Etnoecologia e Disciplinas Correlatas*. São Paulo: UNESP/CNPq, 2002.

BRASIL, FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Geografia do Brasil: Região Centro-Oeste. v. 1. In: Parte II *Análises Temáticas*. Rio de Janeiro, 1990.

CAMARGO, M. T. L. A. O cobreiro na medicina popular. *Herbarium: estudos de etnofarmacobotânica*, 199?. Disponível em: <<http://www.aguaforte.com/herbarium/cobreiro.html>>. Acesso em: 27 dez. 2006.

GORZONI, P. Mulheres de fé. *Raízes*. dez, 2005, p. 69-76. Disponível em: <<http://www.fpm.org.br/raizes/edicao32/raizes%2032%20-20010pdf>>. Acesso em: 27 dez. 2006.

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL, SEPLAN. *Atlas Multireferencial*. Campo Grande, 1990.

_____, IDATERRA. *Comunidades Rurais Remanescentes de Quilombo em Mato Grosso do Sul* (dados). 2005

LACERDA, R. Benzimentos. *Jangada Brasil*, ano V, n. 59, jul, 2003. Disponível em: <<http://www.jangadabrasil.com.br/julho59/pn5970a.htm>>. Acesso em 27 dez 2006.

MING, L. C. *Levantamento de Plantas Medicinais na Reserva Extrativista Chico Mendes-Acre*. 1995. Tese (Doutorado em Botânica) – UNESP, Botucatu, 1995.

MINISTÉRIO DA CULTURA. Fundação Cultural Palmares. *Comunidades Remanescentes de Quilombos Tituladas Período: 1995 a 2001*. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/Quilombos/Quilombos_final_25.html>. Acesso em: 13 dez. 2002(a).

MINISTÉRIO DA CULTURA. *Fundação Cultural Palmares*. O que é? Disponível em: <http://www.cndrs.org.br/documentos/planilha_comunidade_titulada.xls>. Acesso em: 13 dez. 2002(b).

OLIVEIRA, A. M. ; CUNHA, J. R. *A Interferência da Atividade Turística na Comunidade Negra de Furnas dos Dionísios*. 2001. Monografia. UCDB, Campo Grande, 2001.

POEL, V. D. F. *O processo da cura na cultura popular*. (199?). Disponível em: <<http://www.religiosidadepopular.uaivip.com.br/medicina.htm#Quadro%20de%20ESQUEMA>>. Acesso em: 27 dez 2006.

POSEY, D. A. Etnobiologia: teoria e prática. In: RIBEIRO, B.G. (Coord.). *Suma Etnológica Brasileira*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

QUEIROZ, M. S.; CARRASCO, M. A. P O doente de Hanseníase em Campinas: uma perspectiva antropológica. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 11, n. 3, Jul-Set, p. 479-490, 1995.

SANGIRARDI, Júnior. *Botânica Fantástica: as plantas da mitologia, da religião e da magia*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

SCHARDONG, R. M. F. *Estudos Etnobotânicos das Plantas de Uso Medicinal e Místico na Comunidade São Benedito, Bairro São Francisco, Campo Grande, MS*. 1999. Dissertação (Mestrado em Botânica) – UFPR, Setor de Ciências Biológicas, Curitiba, 1999.

XIDIEH, O. E. *Semana Santa Cabocla*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1972.